

MICRONÍVEL, MESONÍVEL E MACRONÍVEL DA ESTRUTURA TEXTUAL

Jean-Michel ADAM

Université de Lausanne – Suíça

Tradução Ana Lúcia Tinoco Cabral e Maria das Graças Soares Rodrigues

Revisão técnica João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi

RESUME: Spécialiste de la linguistique textuelle et introducteur de ce qu’il appelle l’*analyse textuelle des discours*, Jean-Michel Adam résume ici le cadre de sa théorie d’ensemble. Il détaille les unités des plans d’analyse *phrastique/périodique* et *inter-phrastique/périodique* (palier micro-textuel de structuration) et *trans-phrastique/périodique* (palier méso-textuel des paragraphes et des séquences et palier macro-textuel du péritexte et des plans de textes). La théorie est illustrée pas à pas par l’analyse d’une affiche politique de la Résistance française (1940) et de sa traduction en anglais.

MOTS-CLÉS: Analyse Textuelle des Discours. Plans de textes. Paliers de textualisation.

RESUMO: Especialista da linguística textual e introdutor do que ele designou análise textual dos discursos, Jean-Michel Adam resume aqui o conjunto de sua teoria. Detalha as unidades dos planos de análise frástica/periódica e interfrástica/periódica (nível microtextual da estrutura) e transfrástica/periódica (níveis mesotextual, dos parágrafos e das sequências, e macrotextual, do peritexto, e os planos de textos). A teoria é ilustrada passo a passo com a análise de um cartaz político da Resistência Francesa (1940) e de sua tradução em inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Textual dos Discursos. Planos de textos. Níveis de textualização.

ABSTRACT: Jean-Michel Adam, specialist in text linguistics, and responsible for introducing what he coined, textual discourse analysis, summarizes here the framework for his theory. In this presentation, he details the phrastic/periodic plan units of the analysis, and interphrastic/periodic (micro-text levels of the structure), and the transphrastic/periodic (meso-text levels of the paragraphs, and of the sequences, and macro-text levels of the peritext and the text plans). The theory is illustrated step-by-step, through the analysis of a political poster from the French Resistance (1940), and its translation into English.

KEYWORDS: Textual Discourse Analysis. Text plans. Levels of Textualization.

DETERMINADA CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL¹

Numerosos trabalhos sobre as anáforas, os conectores e outros fenômenos organizados por Stati (1990), no *transfrástico*, e por Berrendonner (1990, 2002), na *macrossintaxe*, estendem a morfossintaxe e a gramática de uma dada língua para uma linguística interfrástica. No entanto, os linguistas que estudam essas questões apenas muito raramente associam-nas ao texto como unidade de sentido e de comunicação, às suas unidades composicionais, a classes de textos ou a textos ou gêneros discursivos. As gramáticas interfrásticas e periódicas, centradas nas unidades discursivas de base, não procuram desenvolver uma teoria do texto. Essa é, ao contrário, a tarefa a que se dedica a *Text Linguistics* (doravante TL), a partir dos trabalhos fundadores de Coseriu (2001, 2007), de Weinrich (1964) e do segundo Círculo de Praga (MATHESIUS, 1969; FIRBAS, 1964; DANĚŠ, 1978)².

A TL tem como objeto a descrição e a teorização, de um lado, das *operações de segmentação* que delimitam unidades de posição e de extensão diferentes e, de outro lado, dos efeitos de continuidade criados pelo alcance das operações de ligação dessas unidades. Essas duas operações complementares fazem emergir segmentos textuais, e apenas a delimitação de unidades frásticas (LE GOFFIC, 2011), periódicas (GRUP DE FRIBOURG, 2012; PRANDI, 2013), de unidades textuais de base (GARDES-TAMINE, 2004) ou de unidades discursivas de base, ao mesmo tempo sintáticas e prosódicas (SIMON, DEGAND, 2011; DEGAND, SIMON, 2014), não é suficiente. Ela não diz, de fato, nada sobre a forma como essas unidades frásticas ou periódicas são integradas, em um nível mais elevado, a segmentos que apresentam determinada homogeneidade semântica e uma macro-organização textual.

O problema a resolver foi bem resumido por Halliday e Hasan (1976, p. 293): “*A text [...] is not just a string of sentences*”. Harris (1952, p. 3) já dizia isso de outra forma, em um artigo fundador: “*Language does not occur in stray words or sentences, but in connected discourse. [...] The successive sentences of a connected discourse [...] offer fertile soil for the methods of descriptive linguistics, since these methods study the relative distribution of elements within a connected stretch of speech*”. E, um pouco mais adiante (*op. cit.*, p. 13-14),

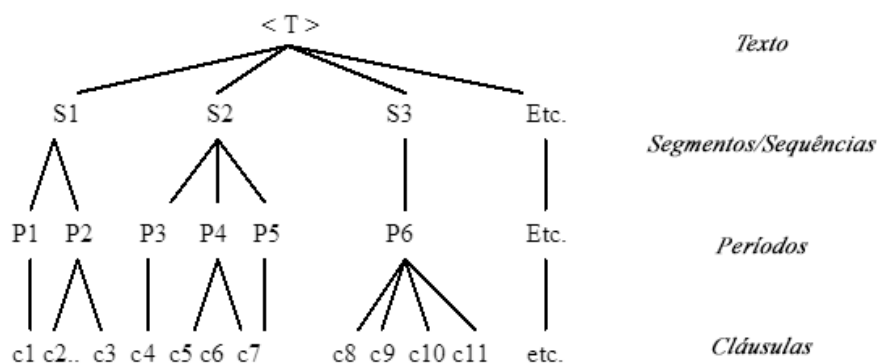
¹ A teoria apresentada aqui desenvolveu-se em vários livros: *Éléments de linguistique textuelle* (ADAM, 1990), *Les textes: types et prototypes* (ADAM, 2011a), *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours* (ADAM, 2011b), *Faire texte: frontières textuelles et opérations de textualisation* (ADAM, 2015) e *Le paragraphe: entre phrases et texte* (ADAM, 2018a).

² Difundidos na Inglaterra por Halliday (1967-1968), e na França, por Slakta (1975), Adam (1977), Combettes (1977 e 1983).

“And there may be successive sections of the text, each of which contains its own equivalence classes different from those of other sections. These may be paragraph-like or chapter-like sub-texts within the main text”. É a teorização desses “connected stretch of speech”, ou “sections”, que se dedica Dijk (1973, p. 19), quando fala de “ordered n-tuples of sentences”: “The difference with sentential grammars, however, is that derivations do not terminate as simple or complex sentences, but as ordered n-tuples of sentences ($n > 1$), that is as SEQUENCES”.

Em outras palavras, e deixando de lado, provisoriamente, o conceito gráfico de frase-sentença, em favor do de cláusulas (c) reunidas em períodos (P), esses últimos não são diretamente ligados ao todo textual. O esquema 1 descreve a passagem do *nível microtextual* das cláusulas (c) reunidas em períodos (P) para o *nível macrotextual* (T), delimitado pelas bordas, ou fronteiras inicial e final do peritexto (< >), introduzindo o *nível intermediário transfrástico/periódico* das seções, segmentos ou *sequências* (S):

Esquema 1



Essa distinção de três *níveis* de textualização é, sobretudo, apresentada nos trabalhos anglo-saxões sobre o parágrafo. Em particular, em um artigo no qual Dijk (1981) desmembra os onze “parágrafos gráficos” (“*Orthographic paragraph*”) de um artigo do *Newsweek* em treze “episódios” ou “parágrafos semânticos” (“*Semantic paragraph*”). Ele situa essas noções de *parágrafo* e de *episódio* “at a ‘meso-level’ in between the unit of a clause or sentence on the one hand, and the unit of a text, a discourse, or conversation as a whole” (op. cit., p. 177). Essas distinções prolongam aquelas estabelecidas por Longacre (1968), em *Discourse, Paragraph and Sentence Structure*, em que ele já distinguia claramente esses três níveis de estruturação. Em outro texto, ele fala de “*paragraph level*”, situado entre a *microsegmentação*

e a *macrosegmentação dos textos* (Longacre,1992). Citado por Mayordomo e Berrio (1983, p. 163), Spillner (1979, p. 192-193) considera a descrição da estrutura dos parágrafos como uma ponte entre a *estrutura textual* e as *estruturas frásticas*. Para Ohori *et al.* (1986, p. 18), o parágrafo é um “*intermediate level*” [...] “*between micro-and macro-structures*” (*id. ibid.*, p. 25), posição retomada por Allison *et al.* (2013) e por Algee-Hewitt, Heuser e Moretti (2015, p. 22), que fazem do parágrafo uma “*mid-level structure*” que ocupa “*a uniquely central position in the economy of texts*”. Eu dediquei dois livros ao *nível* mesotextual de análise: um sobre o parágrafo (ADAM, 2018a) e outro sobre a teoria das sequências (ADAM, 2011a), sobre o qual voltarei a falar mais adiante.

O *macronível textual* é constituído pelas fronteiras peritextuais e as subdivisões de um texto escrito em parágrafos, capítulos, seções ou partes, que conferem o sentimento de uma unidade textual constituída de subunidades significantes, de extensão e de natureza semiológica variáveis (certas partes ou módulos de um texto podendo ser icônicos).

Esses três *níveis* de estruturação dos enunciados constituem a arquitetura complexa e dinâmica do sentido, tanto na produção como na recepção-interpretação: não se passa do micronível ao mesonível, depois ao macronível textual e ao macronível discursivo, conforme uma ordem ascendente de encaixamento de unidades estruturais: “*Between sentences, there are no structural relations, and this is where the study of cohesion becomes important*” (HALLIDAY; HASAN,1976, p. 146). Um exemplo nos permitirá ilustrar os diferentes pontos teóricos abordados e delimitar a complexidade da articulação ascendente e descendente desses *níveis* de estruturação. Escolhi um célebre cartaz bilíngue da Resistência Francesa, que apareceu nos muros de Londres e foi difundido clandestinamente na França a partir do verão de 1940. Esse cartaz (T1) e sua tradução inglesa (T2) estão reproduzidos no anexo. Eu os transcrevo aqui³ para facilitar a análise e as citações, considerando as unidades mínimas como cláusulas numeradas de c1 a c8.

T1

[c1] **A TOUS LES FRANÇAIS**

[c2] *La France a perdu une bataille !*

[c3] *Mais la France n'a pas perdu la guerre !*

§1 [c4] Des gouvernants de rencontre ont pu capituler, cédant à la panique, oubliant l'honneur, livrant le pays à la servitude. [c5] Cependant, rien n'est perdu !

§2 [c6] Rien n'est perdu, [c7] parce que cette guerre est une guerre mondiale. [c8] Dans l'univers libre, des forces immenses n'ont pas encore donné. [c9] Un jour, ces forces écraseront

³ As análises retomam nossa versão em português, apresentada logo em seguida, entre colchetes. Serão mantidas as citações em inglês. [N. T.].

l'ennemi. [c10] Il faut que la France, ce jour-là, soit présente à la victoire. [c11] Alors, elle retrouvera sa liberté et sa grandeur. [c12] Tel est mon but, mon seul but !

§3 [c13] Voilà pourquoi je convie tous les Français, où qu'ils se trouvent, à s'unir à moi dans l'action, dans le sacrifice et dans l'espérance.

[c14] Notre patrie est en péril de mort.

[c15] Luttons tous pour la sauver !

[c16] VIVE LA FRANCE !

[c17] *[signature manuscrite]*

GÉNÉRAL DE GAULLE

[c18] QUARTIER-GENERAL,

4, CARLTON GARDENS,

LONDON, S.W.1

T2

[c1] TO ALL FRENCHMEN..

[c2] *France has lost a battle!*

[c3] *But France has not lost the war!*

§1 [c4] A makeshift Government may have capitulated, giving way to panic, forgetting honour, delivering their country into slavery. [c5] Yet nothing is lost!

§2 [c6] Nothing is lost, [c7] because this war is a world war. [c8] In the free universe immense forces have not yet been brought into play. [c9] Some day these forces will crush the enemy.

[c10] On that day France must be present at the Victory. [c11] She will then regain her liberty and her greatness.

§3 [c12] That is my goal, my only goal!

§4 [c13] That is why I ask all Frenchmen, wherever they may be, to unite with me in action, in sacrifice and in hope.

§5 [c14] Our Country is in danger of death. [c15] Let us fight to save it!

[c16] LONG LIVE FRANCE !

[c17] *[signature manuscrite]*

GÉNÉRAL DE GAULLE

[c18] QUARTIER-GENERAL,

4, CARLTON GARDENS,

LONDON, S.W.1

[[c1] A TODOS OS FRANCESES

[c2] *A França perdeu uma batalha!*

[c3] *Mas a França não perdeu a guerra!*

§1 [c4] Governantes de ocasião podem ter capitulado, cedendo ao pânico, esquecendo a honra, entregando o país à servidão. [c5] No entanto, nada está perdido!

§2 [c6] Nada está perdido, [c7] porque esta guerra é uma guerra mundial. [c8] No universo livre, forças imensas ainda não foram empenhadas. [c9] Um dia, essas forças esmagarão o inimigo.

[c10] É preciso que a França, nesse dia, esteja presente na vitória. [c11] Então, ela encontrará de volta sua liberdade e sua grandiosidade.

§3 [c12] Esse é meu objetivo, meu único objetivo!

§4 [c13] Eis por que eu convido todos os franceses, onde quer que estejam, a se unirem a mim na ação, no sacrifício e na esperança.

§5 [c14] Nossa pátria está em perigo de morte. [c15] Lutemos para salvá-la!

[c16] VIVA A FRANÇA!

[c17] *[assinatura manuscrita]*

GENERAL DE GAULLE

[c18] QUARTEL-GENERAL,

4, CARLTON GARDENS,

O INTERFRÁSTICO: NÍVEL MICROTETUAL DE ESTRUTURAÇÃO

Le Goffic (2011, p. 22) toma como argumento a excessiva “labilidade” do nível textual para colocar em primeiro lugar a importância e mesmo a necessidade de um nível inferior “estabilizador, suscetível de fornecer [...] um apoio regular, consistente, objetivo.” É, segundo ele, o papel do “conceito organizador de frase”, a “solidez do ponto de referência da frase” que oferece “um ponto estável, um ponto de apoio”. Ele faz desse nível “o ponto-chave da construção do texto”. A partir desse ponto de apoio, cada sequência de tratamento sintático seria integrada “em um processo global de construção do texto, ao longo do qual a autonomia de cada unidade constituinte é reavaliada” (*op. cit.*, 11). De modo semelhante, Riegel (2006, p. 53) define texto simplesmente como um “conjunto organizado de frases”. Ele propõe completar as “ferramentas de uma boa gramática frástica”, por uma simples observação dos “condicionamentos propriamente textuais das frases, quando elas são postas em sequência”. O problema é que esses condicionamentos propriamente textuais da colocação das frases em sequências e a reavaliação da autonomia das frases não podem ser descritos e teorizados completando, simplesmente, as ferramentas da gramática de frase. Outros linguistas afirmaram isso, em campos teóricos muito diferentes.

Culioli (1984, p. 10) é categórico: “O texto escrito nos força, de modo exemplar, a compreender que não se pode passar da frase (sem prosódia, sem contexto, sem situação) ao enunciado, por um procedimento de extensão. Trata-se, de fato, de uma ruptura teórica, de consequências inevitáveis”. Para Soutet (2005, p. 325), “No caso particular do texto, a relação do todo com a parte não diz respeito ao mesmo tipo de previsibilidade que aquela existente entre cada uma das unidades subfrásticas e seus constituintes imediatos”. As solidariedades sintáticas entre unidades da língua têm, de fato, apenas um alcance muito limitado. Assim que se passa do limite do sintagma e do núcleo da frase, para entrar nos domínios da interfrástica/periódica e da transfrástica, outros sistemas de conexão aparecem, que se apoiam em marcas de conexão de alcance mais ou menos distante e que têm “por função convencional assinalar para o destinatário que tal ou tal unidade deve ser compreendida como estabelecendo determinada relação com tal ou tal outra unidade” (Charolles, 1993, p. 311).

Ultrapassando a fronteira do núcleo da frase, para abordar os produtos naturais da interação linguageira, que são os textos, não se procede a uma simples extensão transfrástica dos limites da linguística. Trata-se, como o diz Prandi (2007, p. 75), de passar “da dimensão frástica, regida pela gramática, para uma dimensão textual, regida pela coerência dos conceitos, mantida por meios coesivos apropriados”. O linguista italiano critica a tradição gramatical, que se obstina em privilegiar “as formas, em relação aos conteúdos, as regras, em relação às opções, a dimensão, frástica em relação à dimensão textual” (*id. ibid.*). É por esses “recursos coesivos especializados” (op, cit., p. 81) de que dispõe o sujeito falante que eu me interesso.

Por sua vez, Reichler-Béguelin (1988) e Berrendonner (1990, 2002), que reconhecem a estabilidade de ilhotas sintáticas e prosódicas, propõem “dissolver a categoria *frase*”:

Para segmentar o discurso, pode-se, eventualmente, apoiar-se apenas na propriedade de autonomia sintática; mas os mônades gramaticais que se obterá assim, ou *cláusulas*, não serão todos frases. Pode-se também, por um outro lado, analisá-lo com base nas marcas de fechamento prosódicas que se espalham por ele; mas o que se isolará por esse meio, serão parágrafos tonais (= *períodos*), e ainda não, frases. (GROUPE DE FRIBOURG, 2012, p. 12).

Os segmentos frásticos, correspondentes gráficos de simples cláusulas ou de períodos, apresentam, frequentemente, descompassos entre sintaxe e pontuação, comparáveis aos descompassos entre sintaxe e prosódia na oralidade (SIMON; DEGAND, 2011, p. 53): a) congruência recção-pontuação (uma cláusula = uma frase gráfica, ou um período = uma frase gráfica); b) um período apenas para várias frases gráficas; c) uma frase gráfica apenas para vários períodos. Esse nível da cláusula, do período e da frase gráfica, constitui o primeiro fator de estruturação das unidades microtextuais escritas⁴. Passa-se desse primeiro nível de estruturação à *textura interfrástica/periódica*, por aplicação de grandes procedimentos de ligação que asseguram a conectividade e a coesão dos agrupamentos linguísticos entre unidades de textualização.

Eu distingo, portanto, dois níveis microtextuais de estruturação:

• Um *nível intrafrástico/periódico*, que articula morfossintaxe (cláusulas e períodos) e pontuação (segmentação em frases gráficas).

⁴ O presente estudo trata essencialmente de escrita; os textos icônicos e as textualidades orais e digitais pedem outros desenvolvimentos e conceitos complementares.

• **Um nível interfrástico** (que liga unidades graficamente separadas) e **interperiódico**, em que o relacionamento entre os enunciados passa por seis operações que designo, voluntariamente, sem escolher uma ordem numérica ou alfabética, visto que não se trata de um sistema ordenado:

- S. Conectividade e coesão semânticas (anáforas, progressão temática, isotopias)
- C. Conectividade sustentada por marcas de conexão (organizadores e conectores)
- M. Ligações operadas pela materialidade significativa (gráfica, fônica, paralelismos)
- I. Ligações fundamentadas no implícito (não dito)
- E. Coesão e transição enunciativas
- A. Laços entre atos de discurso

O fato de poder recorrer a esses diferentes procedimentos de ligação, ativos tanto no nível intraperiódico (da frase complexa ao período) como no nível interperiódico, explica a diversidade de julgamentos que incidem sobre a conectividade e a coesão dos textos ou de porções de textos. Quando vários desses procedimentos asseguram, conjuntamente, a ligação de uma sucessão de enunciados, a impressão de *conectividade* e de *coesão* é muito forte. No caso contrário, essa impressão e, portanto, o *efeito de textualidade* são, gradualmente, mais fracos. Outros fatores podem intervir e assumir a função: o gênero de discurso, a estruturação mesotextual e a organização macrotextual.

CONNECTIVIDADE E COESÃO SEMÂNTICAS (S)

No nível interfrástico/periférico, a estruturação semântica pode ser examinada sob quatro ângulos.

S1. *Anáforas e cadeias de referência* são um dos domínios mais estudados pelos linguistas. Nosso exemplo permite ilustrar essas questões⁵. A continuidade referencial está assegurada em T1 e T2 pela repetição do lexema “France” [França] (c2, c3, c10 e c16) e de “tous les français” [todos os franceses] / “All frenchmen” (c1 e c13). Uma variação lexical (lexema correferencial) aparece em c4, com o lexema definido singular: *le pays* [o país], e em c14, com a apropriação da nação: *notre patrie* [nossa pátria]. A tradução inglesa opõe mais binariamente “*their country*” (a França dos governantes que acabam de aceitar a derrota) a “*our country*” (a França daqueles que entram em resistência). Vê-se, assim, como o referente desloca-se no fio do texto. Em contrapartida, a estabilidade integral do referente está assegurada pelas anáforas pronominais e

⁵ Serão mantidas as mesmas marcações de aspas e itálico do original, devido à sua relevância nos exemplos apresentados. [N. T.].

pelos determinantes possessivos que ligam c10 (*la France* [a França] / *France*) a c11 (*elle, sa liberte, sa grandeur* [ela, sua liberdade, sua grandiosidade] / *she, her liberty, her greatness*), ou “*la France* [a França] / *country*” (c14) a “*elle* [ela] / *it*” (c15), ou “*tous les français* [todos os franceses] / *all Frenchmen*” a “*ils* [eles] / *they*” (c13).

A retomada demonstrativa de “*la guerre* [a guerra] / *the war*” (c3) por “*cette guerre*” [*esta guerra*] / “*this war*” (c7) constitui, em contrapartida, uma modificação do referente, reforçada por uma formulação do tipo [este N1 é um N2 [N + Adjetivo]]: “*cette guerre est une guerre mondiale*” [*esta guerra é uma guerra mundial*]. Essa reformulação está no centro da argumentação. A mesma retomada demonstrativa de “*des forces* [forças] / *forces*” (c8) por “*ces forces* [essas forças] / *these forces*” (c9), ou de “*un jour* [um dia] / *some day*” (c9) por “*Ce jour-là* [nesse dia] / *On that day*” (c10) acompanha a transformação que conduz da “*bataille* [batalha] / *battle*” perdida (c2) à “*guerre* [guerra] / *war*” (c3, c7) ganha (“*victoire* [vitória] / *victory*” c10), a partir de uma dissociação das noções de “batalha” e de “guerra”.

Duas outras formas de retomadas asseguram aqui os agrupamentos semânticos e a organização textual. Localizados no início da frase, “*Tel*” [Este] (fim do parágrafo §2) e “*Voilà*” [Eis] (início do §3), no texto em francês, resumem o conteúdo do que precede. Na tradução inglesa, é sob a forma um mesmo “*that*”, e no início dos §3 e §4, que é realçada a remissão intratextual sobre a qual vou falar. Essas duas *anaphoric encapsulations* (CONTE, 1999) asseguram o empacotamento de c10 e c11 por “*Tel* [Este] / *That*₁”, e de todo o §2 por “*Voilà* [Eis] / *That*₂”. Vê-se, assim, que a unidade do texto se apoia-se em retomadas-repetições, e sua progressão, em transformações da referência, isto é, uma esquematização que desencadeia uma modificação da memória discursiva (REICHLER-BEGUELIN, 1988): a passagem de “*bataille*” [batalha] a “*guerre*” [guerra] e, em seguida, a “*guerre mondiale*” [guerra mundial], modifica, reformulando-a, a esquematização dominante do referente e, portanto, do contexto militar e político.

S2. *Progressões temáticas/remáticas.* Não insisto nos tipos de progressões temáticas (ADAM, 2011b, p. 72-80), salientando apenas a estrutura de encadeamento c2-MAS-c3, apoiado nas retomadas do mesmo tema (*La France* [A França]) e da mesma *transição verbal* (verbo *perdre* [perder] / *lost*), e na oposição de dois *remas* (*bataille* [batalha] / *battle* vs *guerre* [guerra] / *war*), sustentada pela negação (*a perdu* [perdeu] / *has lost* vs *n’a pas perdu* [não perdeu] / *has not lost*).

S3. Os conceitos de *isotopia*, *cotopia*, *poli-isotopia* e *heterotopia* (ADAM, 2011b, p. 115-122) eram demasiadamente gerais na primeira definição de Greimas (1976, p. 28): “A existência do discurso – e não de uma sucessão de frases independentes – só pode ser afirmada se for possível postular, na totalidade das frases que o constituem, uma isotopia comum, reconhecível graças a um feixe de categorias linguísticas ao longo de todo seu desenvolvimento”. Se reorientamos essa definição para a totalidade dos vocábulos de um texto (qualquer que seja sua extensão), constatamos que a coesão semântica está assegurada, no nosso exemplo, por uma isotopia do combate: *bataille* [batalha] / *battle* (c2), *guerre* [guerra] / *war* (c3, c6), *écraseront* [esmagarão] / *crush* (c9), *ennemi* [inimigo] / *enemy* (c9), *luttons* [lutemos] / *fight* (c15), *capituler* [capitular] / *capitulated* (c4) e *Victoire* [Vitória] / *Victory* (c10). Um lexema como “forces” [forças] (c8, c9) torna-se, assim, contextualmente, uma alusão às forças armadas. O conjunto é dramatizado pela criação de uma alegoria da França que conduz ao deslocamento do “péril de mort [perigo de morte] / danger of death” (c14) dos soldados engajados na batalha em direção a uma pátria antropomorfizada.

A particularidade local de figuras como a metáfora e a hipálage e a especificidade mais global da alegoria e de textos como a parábola e a fábula é exigir uma decodificação imperativa dos enunciados heterotópicos e da poli-isotopia que neles se desenvolvem significativamente.

S4. *Colocações de vocábulos* (ADAM, 2011b, p. 122-127). O texto tomado para exemplo permite ver como as colocações lexicais em língua são reativadas ou reinventadas na argumentação do texto: “gouvernants de reencontre [governantes de ocasião] / makeshift Government” (c4) permite condenar a decisão do marechal Pétain⁶, sem nomeá-lo; o sintagma “guerre mondiale [guerra mundial] / world war” (c7) está no centro da argumentação; “univers libre [universo livre] / free universe” (c8) opõe-se a “servitude [servidão] / slavery” (c4), e a fórmula convencional “Vive la France [Viva a França] / Long live France” (c16) é a expressão da alegorização da pátria. O enunciado estereotipado é, de alguma forma, reativado, para assumir um sentido co(n)textual dramático (vida vs morte).

CONECTIVIDADE SUSTENTADA POR MARCAS DE CONEXÃO (C)

⁶ Para uma análise comparada dos discursos do marechal Pétain, no dia 17 de junho de 1940, e do general de Gaulle, no dia 18, remeto ao capítulo 7 de Adam (2011b), páginas 251-268, e a Herman (2008). Analiso o cartaz no capítulo 4 de Adam (2013), páginas 83-95.

Eu propus distinguir vários tipos de “conectores” (ADAM, 1990, p. 141-252; ADAM 2011b, p. 140-160): os *organizadores textuais* (C1), os *conectores* propriamente ditos (C2) e os *marcadores discursivos* (C3).

C1. Os *organizadores textuais* tornam visíveis os agrupamentos de frases gráficas e de períodos. Eles facilitam a leitura-compreensão dos textos, mas não têm a função argumentativa e enunciativa dos conectores. Os organizadores espaciais recortam porções de texto que correspondem a partes do referente (ativos na descrição e nos guias de viagem, de caminhadas, de escalada-alpinismo). Os *organizadores temporais*, como “Un jour [Um dia] / Some day” (c9) e *Alors* [Então] / *then* (c11), no início de frase, abrem e pontuam os momentos ou episódios de uma narração (aqui, preditiva). A essas duas primeiras grandes classes de organizadores textuais é preciso acrescentar (ADAM, 2011b, p. 143-146) os *organizadores enumerativos* (aditivos e de integração linear), os *marcadores de mudança de topicalização*, os *marcadores de ilustração e de exemplificação*.

C2. Os *conectores* são muito numerosos no texto T1 e em sua tradução. É em torno do conector argumentativo *Mais* [Mas] / *But* (c3), que gira a refutação da posição do governo francês (a alínea acentua essa posição). A particularidade do conector concessivo *Cependant* [No entanto] / *Yet* (c5) é exprimir o hiato entre dois pontos de vista opostos sobre a mesma situação: no final do resultado catastrófico da batalha da França, é preciso capitular (*tout est perdu* [tudo está perdido]) ou resistir (*Rien n'est perdu* [Nada está perdido])? Esse hiato é reforçado pela forte marcação do ponto antes do conector. O conector explicativo *parce que* [porque] / *because* (c7) abre, por sua vez, a seção explicativa, enquanto *Voilà pourquoi* [Eis por que] / *That is why* (c13) vem fechar a explicação e introduzir o apelo propriamente dito, assim baseado e legitimado pela explicação.

C3. Os *marcadores discursivos* da escrita. Entre os fatores de conexão macrotextual que nosso *corpus* não permite ilustrar (mas que a escrita do presente artigo manifesta em numerosos pontos), os marcadores de coesão textual, como “nós o veremos mais adiante / em seguida / logo a seguir”, “ver adiante / anteriormente, na página x / capítulo y” etc., são reveladores de relações intratextuais de distâncias variáveis. Além do papel anafórico, esses marcadores possuem um valor enunciativo (convocar o escritor e o leitor em um ponto *aqui* do texto) e metaenunciativo (LEFEBVRE, 2014), na medida em que revelam aspectos da atividade enunciativa em desenvolvimento: escolha de não dizer *aqui*, mas *em outra parte* no texto (remissão intratextual local), no texto considerado em seu conjunto (remissão intratextual

global: *na presente obra / neste artigo*), ou como isso é dito no texto de algum outro autor (remissão intertextual: *ver X; X,2011; Cf. X*). Sobre esse ponto, como é o caso de numerosos conectores, a conexão textual estrita cruza a enunciação com a reflexividade metadiscursiva.

LIGAÇÕES OPERADAS PELA MATERIALIDADE SIGNIFICANTE (M)

As retomadas de grupos de grafemas e de grupos de fonemas (*ligações isográficas e isofônicas* M1) formam tipos de isotopias do plano da expressão, denominadas “isoplasmas” pelo Grupo μ (1977, p. 34-36). Com os paralelismos *morfofossintáticos* (M2) e a *estruturação rítmica* (M3), essas ligações do significante constituem importantes fatores de organização textual, utilizados particularmente nos *slogans*, nos provérbios, na música e na poesia, no calembur, no lapso e no ditado espirituoso, mas também nos títulos da imprensa escrita, na publicidade, na arte oratória em geral.

M1. *Ligações isográficas e isofônicas.* Intraduzível, a saturação inicial de T1 pela vogal /ã/, apoiada nas consoantes /r/ (fRANce / fRANçais / RENcontre / livRANt / gRANdeur) ou /d/ (DANs / céDANt / cepenDANt) é impressionante e, sobretudo, na base da maioria das duas outras formas de ligação. A ligação grafofônica entre “l’espérance” (c13) e “la France” não ocorre, certamente, ao acaso, e traz também o sentido desse apelo.

M2. Construída sobre o princípio do *paralelismo morfofossintático* (RUWET, 1975), as frases-parágrafos c2 et c3 repetem, integralmente, o tema (*La France* [França] / *France*), depois retomam a transição verbal (*perdre* [perder]), opondo, modalmente, o processo verbal (*a perdu* [perdeu] / *has lost*) e sua negação (*n’a pas perdu* [não perdeu] / *has not lost*). Isso conduz à aposição, em posição remática, dos lexemas *bataille* [batalha] / *battle* e *guerre* [guerra] / *war*. Sustentado pela alínea, com a disposição tipográfica centrada e a escolha dos caracteres em itálico, esse paralelismo está no centro da argumentação refutativa enfatizada pelo conector argumentativo *Mais* [Mas] / *But*.

Além disso, a repetição do sintagma “*tous les Français* [todos os franceses] / *all Frenchmen*”, no início e no fim do texto, põe em destaque a passagem da forma de tratamento sem sujeito de enunciação c1, “*À tous les Français* [A todos os franceses] / *To all Frenchmen*”, ao apelo propriamente dito c13: “*je convie tous les Français* [eu convido *todos os franceses*] / *I ask all Frenchmen*”. A repetição relaciona dois enunciados distantes um do outro.

M3. *Estruturação rítmica.* Em duas ocasiões, desenvolvem-se paralelismos em expansão ternária à direita, vindo fechar uma longa frase periódica:

c4 Des gouvernants de rencontre ont pu capituler, 1. cédant à la panique,
2. oubliant l’honneur,
3. livrant le pays à la servitude.

c4 [Governantes de ocasião podem ter capitulado, 1. cedendo ao pânico,
2. esquecendo a honra,
3. entregando o país à servidão.]

c4 A makeshift Government may have capitulated, 1. giving way to panic,
2. forgetting honour,
3. delivering their country into slavery.

Em c4, a construção isolada no fim da frase periódica é triplicada, dando mais peso à carga contra a capitulação do governo francês. O parágrafo no qual o apelo é formulado apoia-se sobre a mesma expansão ternária à direita. O último termo, introduzido por um organizador textual de fechamento de uma série *et [e] / and* é, dessa forma, posto em relevo em relação aos dois outros e remete aos futuros preditivos de c9-c11:

§3 c13 Voilà pourquoi je convie tous les Français, où qu’ils se trouvent,
à s’unir à moi 1. dans l’action,
2. dans le sacrifice
3. ET dans l’espérance.

§3 c13 [Eis por que eu convido todos os franceses, onde quer que estejam,
a se unirem a mim 1. na ação,
2. no sacrifício
3. E na esperança.]

§3 c13 That is why I ask all Frenchmen, wherever they may be,
to unite with me 1. in action,
2. in sacrifice
3. AND in hope.

LIGAÇÕES BASEADAS NO RESTABELECIMENTO INFERENCIAL DAS INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS (I)

Nenhum texto “diz tudo” – Umberto Eco até fala sobre esse aspecto do texto, como uma “máquina preguiçosa” (ECO, 1985, p. 29) –, e o restabelecimento inferencial das informações

implícitas é um elemento fundamental tanto para a compreensão quanto para a produção de um texto (COIRIER; GAONAC'H; PASSERAULT, 1996, p. 104). O enunciador deve prever, supostamente, as informações faltantes que seu leitor será capaz de restabelecer. Várias formas de não dito devem ser consideradas: as *elipses* (i1), os *pressupostos* (i2), os *subentendidos* (i3) e os dados *intertextuais* (i4), que participam todos da tessitura do sentido, preenchendo as lacunas, os silêncios. Nosso exemplo traz apenas a elipse (i1), que já comentamos anteriormente: c1 “[*eu me dirijo*] a todos os Franceses”, ou “[*esta mensagem se dirige*] a todos os Franceses”. No entanto, no ponto em que uma elipse recuperável seria possível e ligaria, por exemplo, c2 e c3 em uma frase periódica, “*La France a perdu une bataille, mais* [elipse do sujeito e do verbo] *pas la guerre*” [A França perdeu uma batalha, mas [...] não a guerra], o texto opta, ao contrário, pela repetição e a criação de um paralelismo gráfico marcado.

O primeiro enunciado, “*La France a perdu une bataille!* [A França perdeu uma batalha!] / *France has lost a battle*” (c2), apresenta-se como o reconhecimento de um estado de fato, uma esquematização e um estado da memória discursiva⁷ que remetem à batalha da França e ao fato de que o exército francês acabava de ser esmagado pela potência mecânica do exército alemão. Esse enunciado não é posto em causa pelo que vem em seguida. Dizer que “*La France n’a pas perdu la guerre* [A França não perdeu a guerra] / *France has not lost the war*” (c3) tornou-se possível pela dissociação das noções e o reconhecimento do fato de que uma guerra não se resume a uma única batalha. Em outras palavras, são os pressupostos do conceito de *guerra* que tornam possível a asserção de c3 e a não contradição de c2 e c3. De fato, esse encadeamento é argumentativamente um entimema, ou silogismo incompleto: c2 apresenta uma premissa maior admitida por todos, e c3 enuncia a conclusão do raciocínio, sem enunciar a premissa menor necessária, mas supostamente admitida na língua e, portanto, na memória discursiva: *uma batalha perdida não significa, no entanto, o fim de uma guerra*. A continuidade do texto denuncia uma falha de raciocínio: a negação não-p de c3 dá a entender que alguns – os “governantes de ocasião” de c4 – deduziram de c2 uma conclusão p de tipo *a guerra está perdida* e puderam, assim, tomar a decisão de “capitular”. Nesse sentido, a negação é aqui, claramente, uma refutação do ponto de vista do governo francês sobre a situação. A negação redobrada “*Rien n’est perdu!*” [Nada está perdido!] tem por objetivo inverter as conclusões que levaram Pétain a ordenar o fim dos combates. O enunciado implícito, mas implicado pela

⁷ Sobre esses conceitos, remeto ao que diz Berrendonner, no Grupo de Fribourg (2012, p. 22-25).

negação [p *tudo está perdido*], é apresentado como uma análise político-militar equivocada. O parágrafo que se segue e explica porque *não-p* é verossímil, apesar das aparências do momento, tem por objetivo a derrubada do estado da memória discursiva nacional, criada pelo discurso do marechal Pétain, em 17 de junho daquele ano.

Os subentendidos (i3) que alguns enunciados veiculam são interessantes e fazem parte do sentido do texto. O sintagma “governantes de ocasião” é altamente desvalorizante, pois dá a entender que a nomeação, pelo presidente da república, do marechal Pétain para o comando do governo francês é ocasional e não legítima. A escolha do verbo “capitular” não está exatamente em conformidade com a situação. No dia 17 de junho, Pétain pediu aos franceses para “cessar o combate” (“C’est le cœur serré que je vous demande de *cesser le combat*” [É com o coração apertado que vos peço para *cessar o combate*]) e iniciou negociações com vistas a um armistício, que foi assinado com a Alemanha, no dia 22 de junho, e com a Itália, no dia 24 de junho. O termo escolhido por de Gaulle é mais forte, uma vez que ele subentende uma capitulação incondicional.

Voltemos ao *Alors* [Então] que conclui o encadeamento das cláusulas c9 a c11: “(c9) *Un jour, ces forces écraseront l’ennemi.* (c10) *Il faut que la France, ce jour-là, soit présente à la victoire.* (c11) *ALORS, elle retrouvera sa liberté et sa grandeur*” [(c9) Um dia, essas forças esmagarão o inimigo. (c10) É preciso que a França, nesse dia, esteja presente na vitória. (c11) ENTÃO ela encontrará de volta sua liberdade e sua grandiosidade]. Esse *ENTÃO* é menos um organizador temporal do que um conector argumentativo apoiado na modalidade deôntica *Il faut que* [É preciso que], que abre c10. Essa forte modalidade dá a entender uma frase periódica condicional do tipo: *Se a França não estiver presente na vitória. ENTÃO, ela não encontrará de volta nem a sua liberdade nem a sua grandiosidade.* É por causa dessa necessidade, e subentendendo a implicação *SE não-p ENTÃO não-q*, que de Gaulle argumenta em favor de *p* e de *q*, quer dizer, da resistência e da continuação dos combates.

Quanto mais avançamos na análise do cartaz, mais parece evidente que um texto não pode ser lido isoladamente, mas apenas se entrar em uma cadeia intertextual (i4) de discursos pronunciados pelo mesmo locutor ou por outros. Aqui precisamos levar em conta intertextos dos discursos do marechal Pétain, radiotransmitidos no dia 17 de junho de 1940, e do general de Gaulle, no dia 18 de junho. O cartaz é um resumo desse último texto e uma resposta à elocução de Pétain. Um enunciado como “*oubliant l’honneur*” [esquecendo a honra] (c4) responde a este parágrafo: “Je me suis adressé cette nuit à l’adversaire pour lui demander s’il

est prêt à rechercher avec moi, entre soldats, après la lutte *et dans l'honneur*, les moyens de mettre un terme aux hostilités.” [Eu me dirigi esta noite ao adversário para lhe perguntar se ele está pronto para procurar comigo, como soldados, depois da luta *e na honra*, os meios de pôr um termo às hostilidades.]. Da mesma forma, o fim do cartaz parece responder às palavras de Pétain: “Que *tous les Français* se groupent autour du gouvernement que je préside pendant ces dures épreuves et fassent taire leur angoisse pour n’obéir qu’à leur foi dans le destin de la patrie.” [Que *todos os Franceses* se reúnam em torno do governo que eu presido durante essas duras provas e façam calar sua angústia, para obedecer apenas à sua fé no destino da pátria.]. A retomada do sintagma “*tous les Français*” [todos os Franceses] está na base de uma contraposição de reagrupamento das forças. Da mesma forma, à “foi” [fé] passiva “dans le destin de la patrie” [no destino da pátria], de Gaulle opõe “l’action” [a ação] (c13), “la lutte” [a luta] (c15) e “l’espérance” [a esperança] (c13).

A intertextualidade interna aos discursos do general de Gaulle (intratextualidade) permite ler alguns enunciados do cartaz como resumos da argumentação desenvolvida no “Apelo de 18 de junho”⁸. Para mostrar apenas alguns exemplos, c7 conserva somente a terceira frase desse período ternário do “Apelo de 18 de junho”: “Cette guerre n’est pas limitée au territoire malheureux de notre pays. Cette guerre n’est pas tranchée par la bataille de France. *Cette guerre est une guerre mondiale.*” [Esta guerra não se limita ao território infeliz de nosso país. Esta guerra não é decidida pela batalha da França. *Esta guerra é uma guerra mundial.*]. Da mesma forma, c8 et c9 resumem esta passagem: “Toutes les fautes, tous les retards, toutes les souffrances, n’empêchent pas qu’il y a, dans *l’univers*, tous les moyens nécessaires pour écraser un jour nos ennemis. Foudroyés aujourd’hui par la *force* mécanique, nous pourrons vaincre dans l’avenir par une *force* mécanique supérieure. Le destin du monde est là.” [Todos os erros, todos os atrasos, todos os sofrimentos não impedem que haja, no *universo*, todos os meios necessários para esmagar um dia nossos inimigos. Destruídos hoje pela *força* mecânica, nós poderemos vencer no futuro por uma força mecânica superior. O destino do mundo está aí.]. A fórmula repetida em c5 e c6 é conduzida mais longamente: “Croyez-moi, moi qui vous parle en connaissance de cause et vous dis que *rien n’est perdu* pour la France. Les mêmes moyens qui nous ont vaincus peuvent faire venir un jour la victoire.” [Creiam-me, eu que lhes falo com conhecimento de causa e lhes digo que *nada está perdido* para a França. Os mesmos

⁸ Como costuma ser designado o primeiro discurso do general de Gaulle na rádio de Londres, em 18 de junho de 1940. [N. T.].

meios que nos venceram podem fazer vir um dia a vitória.]. Enfim, o centro do “Apelo” (c13) resume esta longa frase periódica: “Moi, Général de Gaulle, actuellement à Londres, j’invite les officiers et les soldats français qui se trouvent en territoire britannique ou qui viendraient à s’y trouver, avec leurs armes ou sans leurs armes, j’invite les ingénieurs et les ouvriers spécialistes des industries d’armement qui se trouvent en territoire britannique ou qui viendraient à s’y trouver, à se mettre en rapport avec moi.” [Eu, general de Gaulle, atualmente em Londres, convido os oficiais e os soldados franceses que se encontram em território britânico, ou que venham a se encontrar nesse território, com suas armas ou sem suas armas, convido os engenheiros e os operários especialistas das indústrias de armamento que se encontram em território britânico, ou que venham a se encontrar nesse território, a entrar em contato comigo.]

COESÃO E TRANSIÇÕES ENUNCIATIVAS (E)

Três grandes categorias de fatos enunciativos asseguram a unidade de porções de textos e as transições entre seções, mais ou menos heterogêneas, enunciativamente: a *responsabilidade enunciativa*, ou a *atribuição dos enunciados* de onde decorrem os confrontos de *pontos de vista* (E1), as variações de *planos de enunciação* (E2) e as correspondências *metaenunciativas* do dizer sobre o dito (E3).

A questão da *responsabilidade* (ou não) dos enunciados pelo locutor ou diversos enunciadorees postos em cena no e pelo discurso é um ponto essencial do funcionamento da língua e do discurso. As modalidades que, para assinalar que enunciados, emanam de locutores diferentes, conduzem do *discurso direto* e do uso das *aspas* ao *discurso indireto livre*, passando pelas transições do *discurso indireto* e do *discurso narrativizado*, são o melhor exemplo de heterogeneidade enunciativa mais ou menos marcada.

De maneira igualmente exemplar, uma negociação como a de c5, que fecha o parágrafo, dá a entender que o locutor não assume a responsabilidade da conclusão implícita que se poderia tirar de c4 (*Des gouvernants de rencontre ont pu capituler, cédant à la panique, oubliant l’honneur, livrant le pays à la servitude* [Governantes de ocasião podem ter capitulado, cedendo ao pânico, esquecendo a honra, entregando o país à servidão]). Ao marcar c4 como uma concessão (*Cependant* [No entanto]), o enunciadoree signatário do cartaz, em contrapartida, assume plenamente a responsabilidade enunciativa de c5 (é todo o sentido da exclamação): *rien n’est perdu!* [nada está perdido!].

Além disso, como o escreve Benveniste (1974), um enunciador, por sua própria enunciação,

[...] apropria-se o aparelho formal da língua e ele enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos [...]. Mas, imediatamente, assim que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que atribua a esse outro. Toda enunciação, implícita ou explícita, é uma alocação, postula um alocutário. (BENVENISTE, 1974, p. 82).

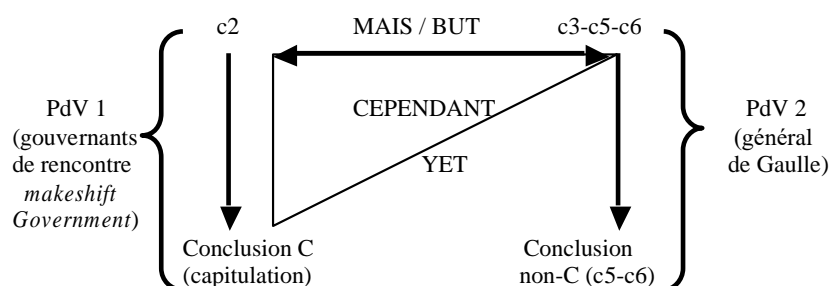
As marcas pronominais (pronomes pessoais e pronomes possessivos) balizam porções de textos e uma configuração enunciativa. A emergência do JE [eu] e do MOI [mim] apenas em c13, iniciada pelo possessivo MON [meu], repetido em c12, é significativa de uma progressão do texto que conduz à emergência de um sujeito-general de Gaulle que resulta de sua ação discursiva oral do dia 18 de junho de 1940, renovada e escriturada pelo cartaz. Os enunciados exclamativos c2, c3, c5, c12, presentes antes da afirmação explícita dessa posição enunciativa, já eram traços de responsabilidade enunciativa e, pois, de presença de um sujeito de enunciação cujo estatuto muda a partir da enunciação do “Apelo”, que faz dele um opositor do governo, fundador da Resistência Francesa, chamando os cidadãos para a resistência e os militares para a deserção.

É notável que o texto desse cartaz não comporte nenhum pronome de segunda pessoa. A forma de tratamento sendo em terceira pessoa, (*les Français, ils* [os franceses, eles]), o destinatário é posto à distância, não inscrito em uma colocação. O “nous” [nós], que emerge em c14 e c15, apesar do imperativo (modalidade hipertética), parece menos reunir EU/MIM e um VÓS do que um EU/MIM-ELES. Essa distância bastante formal decide o plano enunciativo de uma enunciação implicada e de uma representação discursiva ligada aos parâmetros da situação de enunciação: o *aqui* (no exílio em Londres) e o *agora* (introduzido pelo 18 de junho de 1940). O fato escritural e a difusão posterior desse cartaz, transformado em cartaz da Resistência, dissociam, certamente, as marcas das ancoragens da enunciação e da leitura, mas os presentes, os passados, os futuros e o imperativo são todos tempos característicos de uma enunciação implicada e atual. Os futuros preditivos de c9 e c11, com esse uso do futuro categórico mais do que do futuro do pretérito, de valor condicional, que introduziria uma distância, são marcas de uma forte asserção, predizendo a transformação do estado do mundo atual. O que implica um engajamento enunciativo total, prolongado pelo imperativo de c15 e o emprego arcaico do subjuntivo c16 (sem *que* e em uma oração independente).

Weinrich (1973) foi um dos primeiros a examinar o papel dos tempos verbais. Na perspectiva do que ele já definia, como linguística textual, sua reflexão teórica não se contentava com o quadro das realizações lexicais (morfema temporal associado a um lexema) e frásticas das formas temporais verbais. Mesmo ressaltando, com Vetters (1993, p. 8), que “uma descrição satisfatória do emprego dos tempos verbais não pode limitar-se a um nível de análise apenas, seja ele frástico ou textual, mas deve integrar esses dois níveis”, notaremos, no entanto, que os trabalhos nesse domínio persistem em limitar-se, no que diz respeito a texto, a segmentos de duas frases (raramente mais do que isso). Weinrich (1973) interessou-se pelos efeitos textuais ligados às sucessões de tempos idênticos (sucessões de pretéritos perfeitos ou de presentes etc.) e pelas transições entre tempos próximos (pretérito perfeito + pretérito imperfeito, diferente de presente + futuro, por exemplo), ou entre tempos que dizem respeito a subsistemas diferentes (presente ou futuro no meio de pretérito perfeito + pretérito imperfeito, pretérito perfeito no meio de presente + pretérito perfeito composto). Nuançaremos sua posição, não dizendo que, se as transições homogêneas “garantem a consistência de um texto, sua textualidade” (*op. cit.*, p. 204), em contrapartida, “as transições heterogêneas não participam muito da textualidade, ou mesmo de forma alguma” (*id. ibid.*, p. 205). Definindo a textualidade como uma tensão entre continuidade e descontinuidade, diremos que as variações enunciativas marcadas pelos índices de pessoas e pelas formas verbais são uma parte muito importante da dinâmica textual do sentido.

O esquema 2 permite resumir a oposição dos pontos de vista sobre a qual se apoia a argumentação, articulando conexão (C) e enunciação (E):

Esquema 2:



Mencionemos, por fim, o fato de que os retornos metadiscursivos (E3) da enunciação sobre ela mesma podem ter um valor corretivo de um enunciado anterior. Uma espécie de ajuste posterior – muito frequente no fluxo da fala – intervém no curso da enunciação, na repetição de c12, “Esse é meu objetivo, *meu único objetivo!*”. Parece que a exclamação insiste sobre o acréscimo do adjetivo.

LAÇOS ENTRE ATOS DE DISCURSO (A)

Um texto não é uma simples sucessão de atos de discurso que possuem certo valor ilocutório (da asserção à interpelação, da injunção à advertência), é uma sucessão de atos de discurso mais ou menos ligados formando sequências de atos. O princípio dessas sequências foi considerado por Viehweger (1990, p. 49): “As análises concretas mostram que os atos ilocutórios que constituem um texto formam hierarquias ilocutórias com um ato ilocutivo dominante, apoiado em atos ilocutórios subsidiários [...]”. Viehweger critica com bastante justiça as gramáticas de texto por não apreenderem a estrutura actancial dos discursos, insiste no fato de que os atos de discurso identificáveis são “ligados uns aos outros para realizar objetivos complexos” (*op. cit.*, p. 48), constituindo, assim, “estruturas ilocutórias” sobre as quais ele observa, muito justamente, que “se encontram em uma relação sistemática com as estruturas globais de textos (por exemplo, estruturas de textos argumentativos, descritivos, narrativos etc.)” (*id.*, *ibid.*). Por sua vez, Vanderveken (1992, p. 64) também destacou essa estruturação textual dos atos de discurso: “Um verdadeiro discurso é bem mais do que uma simples sequência finita de atos ilocutórios. Há uma estrutura e condições de satisfação que lhe são próprias e que são irreduzíveis àquelas dos atos ilocutórios isolados que dela fazem parte”. Ele fala até de *intervenções complexas*, muito próximas das *estruturas de textos* de Viehweger (1990) e dos meus (protó)tipos de sequências de base: “descrições, argumentações, explicações, justificativas e questionamentos” (VANDERVEKEN, 1992, p. 58). Ele os considera como atos de discurso “cuja natureza é mais complexa do que a dos atos ilocutórios elementares auxiliares que os compõem” (*id. ibid.*).

O texto do cartaz é um bom exemplo dessa dimensão actancial da textualidade. O cartaz apresenta-se como uma sequência de atos de discurso, mas o ponto de referência dessa sucessão de atos identificáveis enquanto tais não oferece nenhuma indicação sobre seus laços e, portanto, sobre a textualidade e sobre a dinâmica desse texto argumentativo.

De fato, as asserções do início (c2 a c5) estão englobadas em um movimento de concessão, seguido de uma refutação: $c2 > c3$ et $c4 > c5$. O fato de o argumento mais forte seguir os conectores *cependant* [no entanto] / *yet* e *mais* [mas] / *but* e ser uma negação dá a entender, como vimos anteriormente, sob a negação, uma asserção imputável a um ponto de vista (PdV1) diferente do ponto de vista do enunciador (PdV2). Esses dois atos de concessão são tomados em um macroato de refutação englobante.

Esse primeiro movimento refutativo é, em seguida, apoiado por uma explicação que parte de c6 (*rien n'est perdu* [nada está perdido]) e do conector *parce que* [porque] / *because*. Esse movimento explicativo compreende sucessões de enunciados e de microatos como segue: Atos de asserção c6, c7 e c8; Ato assertivo-preditivo c9; Ato de asserção c10; Ato assertivo-preditivo c11; Ato de asserção c12. O fechamento desse movimento explicativo está indicado por *C'est pourquoi* [Eis por que] / *That is why* c13.

A afirmação da posição do sujeito de enunciação sobrevém apenas em c12, em que se fixa o objetivo da interação sociodiscursiva engajada: fazer com que a França recupere sua liberdade e sua grandiosidade (c11). A refutação inicial, uma vez apoiada por essa explicação, torna possível o cumprimento do ato diretivo c13, sob a forma de performativo (primeira pessoa, presente do indicativo e lexicalização do ato): “Je convie... [Eu convido] / I ask...” O verbo *convidar* é um ato diretivo particular: “É pedir a alguém para ir a algum lugar ou a assistir a alguma coisa [...]; além disso, convidando, pressupõe-se, geralmente, [...] que aquilo para o que se convida o alocutário é bom para ele” (VANDERVEKEN, 1988, p. 183). Certamente, o que é prometido aqui não é um convite pacífico, mas um engajamento militar perigoso (“*dans l'action, dans le sacrifice et dans l'espérance*” [na ação, no sacrifício e na esperança]). Diferentemente de uma ordem, esse ato diretivo fica aberto a uma *deliberação* do destinatário: é a esse último que cabe decidir se quer ou não, responder ao convite que lhe foi dirigido. O enunciador contenta-se em lhe propor escolher aquilo que ele crê ser bom para a nação. Todo o gênero discursivo desse cartaz – discurso deliberativo político – cabe nesse ato diretivo. A atenuação do diretivo pelo convite suaviza a ação discursiva de apelo à dissidência, à desobediência e até à deserção. Emanando de um oficial de alta patente na ativa, esse ato é particularmente forte.

Trata-se de uma estrutura argumentativa global de três macroatos dentre os quais *a explicação* (II) desempenha um papel de apoio argumentativo da *refutação* (I), justificando e tornando possível o *Apelo-convite* (III). O texto fecha-se com um ato expressivo (c16) que vem

em seguida a dois enunciados (c14 assertivo e c15 diretivo) marcados pela união do enunciador a destinatários na primeira pessoa do plural. Observa-se, assim, como, em um texto, os atos de discurso pontuais somente adquirem sentido pela sua inserção em estruturas hierárquicas de níveis de complexidade superiores. É precisamente aí que se torna necessário passar da organização interfrástica/periódica à estruturação transfrástica/periódica mesotextual e macrotextual.

OS NÍVEIS TRANSFRÁSTICOS MESOTEXTUAL E MACROTEXTUAL

O NÍVEL MESOTEXTUAL

A consideração da escrita como fato autônomo e não mais como transcrição do oral permitiu a emergência de um estudo linguístico da *pontuação do texto* e da “viso-legibilidade” (MOIRAND, 1978) das subdivisões marcadas por “cortes escriturais” (PEYTARD, 1982). Concordando com a concepção da “imagem textual” desenvolvida por Neveu (2000), pode-se distinguir dois tipos de fatos de pontuação textual:

- Os *fatos de modulação* observadas por Neveu (2000) são os “acréscimos tipográficos”, como os itálicos, os negritos, o sublinhamento, as aspas, e os diferentes procedimentos de ênfase gráfica, como os “signos pontuantes de afetividade”. Ligados às necessidades enunciativas da escrita, esses fatos são muito bem descritos por Dahlet (2003), em *Ponctuation et énonciation*. Assim, no cartaz de 1940, enunciados como c1 e c16 acumulam a utilização de letras maiúsculas, de negritos e de justificação centrada; e os parágrafos c2 e c3, os itálicos, a centralização do texto e o ponto de exclamação, signo de pontuação com efeito dramático.
- *Os fatos de segmentação (fronteiras gráficas)*

[...] engajados nos mecanismos de hierarquização das zonas de localidade e que formam fronteiras gráficas interfrásticas ou transfrásticas: pontuação de destaque e de fechamento de segmentos sintáticos, modos de inserção das sequências textuais nas estruturas englobantes, títulos, tipos de p[ar]ágrafos – numéricos, alfanuméricos etc. –, numeração de estrutura volumétrica dos parágrafos, gestão das alíneas e dos espaços etc. (NEVEU, 2014 [2000], p. 2).

Ao falar de “pontuação de sequência”, Dahlet (2003, p. 52) descreve esses *fatos de segmentação* como “meios de balizar, reagrupar/separar e hierarquizar [o]s conteúdos”. Essa ideia já se encontra presente em Laufer (1986, p. 76), para quem “a valorização tipográfica articula, visualmente, a profundidade dos níveis textuais. Isso é válido tanto no nível

mesotextual dos parágrafos e das frases tipográficas que os compõem, quanto no nível macrotextual das seções, partes, capítulos e fronteiras peritextuais.

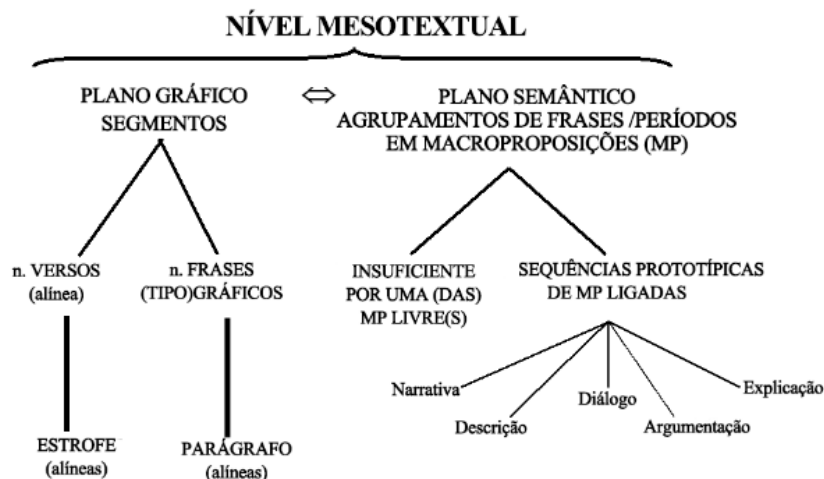
Creio, portanto, ser útil distinguir os *atos de segmentação mesotextuais* (a alínea e o parágrafo) e os *atos de segmentação macrotextuais* (títulos, subtítulos e intertítulos, planos numéricos, alfanuméricos, brancos intercalares etc.). No nível mesotextual, a *alínea simples* delimita a fronteira gráfica do parágrafo pelo recuo e o branco em final de linha (linha vazia). A *alínea marcada* com branco de uma ou várias linhas entre os *parágrafos* permite, no nível macrotextual, balizar as fronteiras de grupos de parágrafos e, assim, as partes de um plano de texto.

Mudar de linha para começar um novo parágrafo serve para evidenciar uma cláusula, um período formando uma frase gráfica, ou para agrupar um conjunto de frases/períodos, mantendo ligações estreitas. Isso permite, por exemplo, separar (ou não) o discurso direto de seu cotexto narrativo ou argumentativo, separar uma narrativa de um cotexto dialogal ou argumentativo ou explicativo no qual ele está inserido, isolar um bloco descritivo ou fragmentar uma descrição em partes, ou uma narrativa em episódios etc.

Psicolinguistas e linguistas fazem do parágrafo não apenas uma unidade de segmentação do texto, mas o índice de uma atividade metadiscursiva do escritor, a marca de um “trabalho explícito de organização da enunciação visando, particularmente, facilitar a atividade de interpretação” (CHAROLLES, 1988a, p. 9). Numerosos trabalhos empíricos e experimentais demonstraram que a segmentação em parágrafos facilita e programa a leitura, dando, pelas incisões ou cortes (recuos) entre parágrafos e entre seções que reagrupam conjuntos de parágrafos, instruções de manutenção temporária de informações em memória do trabalho e de relacionamento dessas informações textuais por etapas ou ciclos de tratamento. Isso é o que Le Ny (1985, p. 133) resumiu em uma fórmula muitas vezes retomadas: “agora parem de agregar a informação que lhes transmito ao que precede, e abram uma nova subestrutura”. Os parágrafos facilitam, assim, o acesso à organização tópica do texto (MAYORDOMO; BERRIO, 1983, p. 167). O empacotamento progressivo do sentido tornou-se necessário em razão dos limites da retenção de memória e da memória de trabalho. É preciso liberar espaço de memória para poder tratar novas informações.

O nível mesotextual de estruturação compreende, com efeito, duas unidades, cuja combinação é muito flexível: os *segmentos* no plano do corte gráfico e os *agrupamentos de frases/períodos em macroproposições* (doravante MP) no plano semântico.

Esquema 3



Enquanto unidades de sentido, os *segmentos* marcados pelas alíneas são constituídos por um número indeterminado de *cláusulas* relacionadas com frases gráficas e períodos. A alínea confere ao parágrafo (ou à estrofe, nos textos em versos) uma *conectividade* e uma *coesão semântica* inferior, pelo menos a uma MP. As MP correspondem a sequências de tratamento nas quais os reagrupamentos de cláusulas, de frases e de períodos chegam à construção de unidades de sentido do mais alto grau de complexidade. Esses agrupamentos formam tanto MP livres, quanto MP ligadas a várias outras MP (uma MP-*argumento* com uma MP-*conclusão*, em uma sequência argumentativa, uma MP-*nó* com uma MP-*desenlace* e uma MP-*situação final*, em uma sequência narrativa⁹, e uma MP-*pergunta* com uma MP-*resposta*, em uma sequência (ou troca) dialogal, uma MP-*por quê?* com uma MP-*porque*, em uma sequência explicativa.

A tipologia dos parágrafos de Longacre (1980) dá uma ideia dos tipos de MP e das ligações elementares que podem uni-las, “Coordinate & Alternative paragraphs; Temporal paragraphs; Antithetical & Contrast paragraphs; Paragraphs that encode logical relations; Embellishment paragraphs; Interaction paragraphs”, aos quais pode-se acrescentar: “*Hortatory*

⁹ Em sua *Apostila ao Nome da Rosa*, Umberto Eco (1985, p. 50) faz alusão ao conceito de *macroproposição*: “Em narratividade, o sopro não é confiado a frases, mas a macroproposições mais amplas, a escanções de eventos.”.

paragraphs, Procedural paragraphs, Explanatory paragraphs”. Arabyan (1994, 2012) e Gardes-Tamine e Pellizza (1998) optaram por uma tipologia simplificada, distinguindo os *parágrafos temáticos*, que tratam de objetos de discursos distintos; *parágrafos enunciativos*, que acentuam uma mudança de atribuição da fala, um novo ato de discurso (pergunta, exclamação, resposta etc.) ou o comentário de uma descrição ou de uma ação; *parágrafos genéricos*, que comportam uma caracterização tipológica forte: segmentos argumentativo, narrativo ou descritivo. Esses parágrafos inapropriadamente ditos “genéricos” estão próximos do que considero como *sequências*: sequências descritivas, sequências narrativas (variante narrativizada dos simples *temporal paragraphs* de Longacre (*op. cit.*)), sequências argumentativas, sequências explicativas, sequências dialogais (que correspondem aos *interaction paragraphs*, de Longacre, *id. ib.*). Não se deve confundir a dupla organização transfrástica dos discursos com os *gêneros discursivos*, de uma parte, e, de outra, com “as regras, transversais aos gêneros, que governam uma narrativa, um diálogo, uma argumentação, uma explicação...” (MAINGUENEAU, 2014, p. 19). Em um nível mesotextual pré-genérico e que, por esse fato, atravessa os gêneros, as sequências são organizações transfrásticas/de períodos que articulam e hierarquizam os reagrupamentos de enunciados em várias MP ligadas. As mesoestruturas sequenciais são, como os gêneros de discurso, objeto de uma aprendizagem paralela ao da língua. Ao aprender a língua de um grupo social, aprendemos, ao mesmo tempo, os sistemas de gêneros discursivos nos quais essa língua realiza-se e que lhe impõem coerções, mas aprendemos também a distinguir o que Swales (1990) considera como formas *pré-genéricas*. Meu livro sobre a teoria das sequências (ADAM, 2011a) teoriza cinco desses modos pré-formatados de articulação de continuidades de frases/períodos em pacotes de MP ligadas. Nesses *empacotamentos sequenciais* pré-formatados, se cada MP é constituída de um número indeterminado de cláusulas, cada tipo de sequência comporta, no entanto, um número determinado de MP de base, muito fortemente ligadas entre si e até mesmo ordenadas, exceto no caso da sequência descritiva, menos hierarquizada e cuja ordem não é tão coercitiva quanto os quatro outros tipos de sequências. Cada uma dessas MP pode formar um parágrafo, ou essas MP ligadas podem ser reagrupadas no âmbito de um só parágrafo.

Em nosso exemplo e em sua tradução, a particularidade da cláusula c1 é abarcar o conjunto do texto do cartaz. Ela funciona, macrotextualmente, como um título (sua significação cobre o conjunto do texto) e como índice de uma forma genérica do epistolar (carta aberta, difundida por meio de afixação). Ela não entra na composição mesotextual sequencial, e sua

tipografia muito diferente do resto do texto confirma este *status* à parte. Em contrapartida, o efeito-parágrafo produzido pelas alíneas que isolam c2 e c3 é, de alguma forma, reduzido pelo efeito de unificar c2 e c3 pelas letras em itálico, pela justificação centralizada, pelo conector, pelos dois pontos de exclamação e pelo paralelismo morfossintático.

Se a tradução respeita esses fatos de modulação e de segmentação das primeiras cláusulas, não ocorre o mesmo com c14 e c15, construídas, apesar disso, com o mesmo modelo: alíneas e centralização dos dois parágrafos (sem itálicos). A ausência de paralelismo tão forte quanto em c2 e c3 explica, certamente, a decisão dos tradutores de agrupar essas duas cláusulas em um só parágrafo (§5), uma só unidade de sentido (reforçada pela anáfora), e não em dois enunciados de força igual, como no texto francês. A ligação cláusula (c14)-consequência (c15) é reforçada pela unidade formada pelo parágrafo.

Contrariamente, a cláusula c12 está separada do parágrafo §2, para formar, ela própria, um só parágrafo (§3) da tradução. Dessa maneira, a cláusula exclamativa, fortemente modulada, não é mais a simples conclusão do parágrafo 2: ela está posta em evidência e entra em paralelismo com c13 (§4 da tradução), paralelismo esse, ausente em T1. A consequência direta desse paralelismo é enfraquecer a força de c13, reforçada graficamente em T1, fazendo dele um dos cinco parágrafos centrais do corpo da carta aberta.

Neste plano sequencial, a estrutura argumentativa formada por c2-MAS-c3 não se desenvolve em sequência argumentativa. É, em contrapartida, um movimento sequencial explicativo a que correspondem os três parágrafos de T1, que reagrupa c4 e c5 (§1), c6 a c112 (§2) e c13 (§3). Com as cláusulas c4 e c5, é uma *situação problemática* que está exposta e que forma a MP desencadeadora do movimento explicativo (MP^{ex0}): como afirmar que “rien n’est perdu” [nada está perdido], uma vez que o exército francês acaba de ser esmagado? É esse pedido de justificação em *pourquoi* [por quê] / *why?* (MP^{ex1}), que retoma a repetição (c6), no início do segundo parágrafo, e é a essa pergunta implícita que “parce que [porque] / because”, que abre c7, responde. A explicação é longamente exposta, de c7 a c12 (MP^{ex2}). O parágrafo que começa por “*Voilà pourquoi* [Eis por que] / That is why” introduz, muito explicitamente, o encerramento conclusivo da explicação (MP^{ex3}). Como se acaba de ver, a tradução T2 deturpa essa estrutura sequencial, enquanto T1 a torna visível.

O NÍVEL MACROTEXTUAL

O sentimento de unidade global de um todo verbal, gerador de um *efeito de textualidade*, é o resultado da coesão semântica que um título dá para se ler e o resultado da *coerência interacional* de *uma macroação discursiva*, que resume a máxima da moral de uma fábula ou de um conto e, no caso do cartaz tomado como exemplo, o fato de se falar dele, mundialmente, como “O Apelo de junho de 1940” ou “O Apelo do general de Gaulle”.

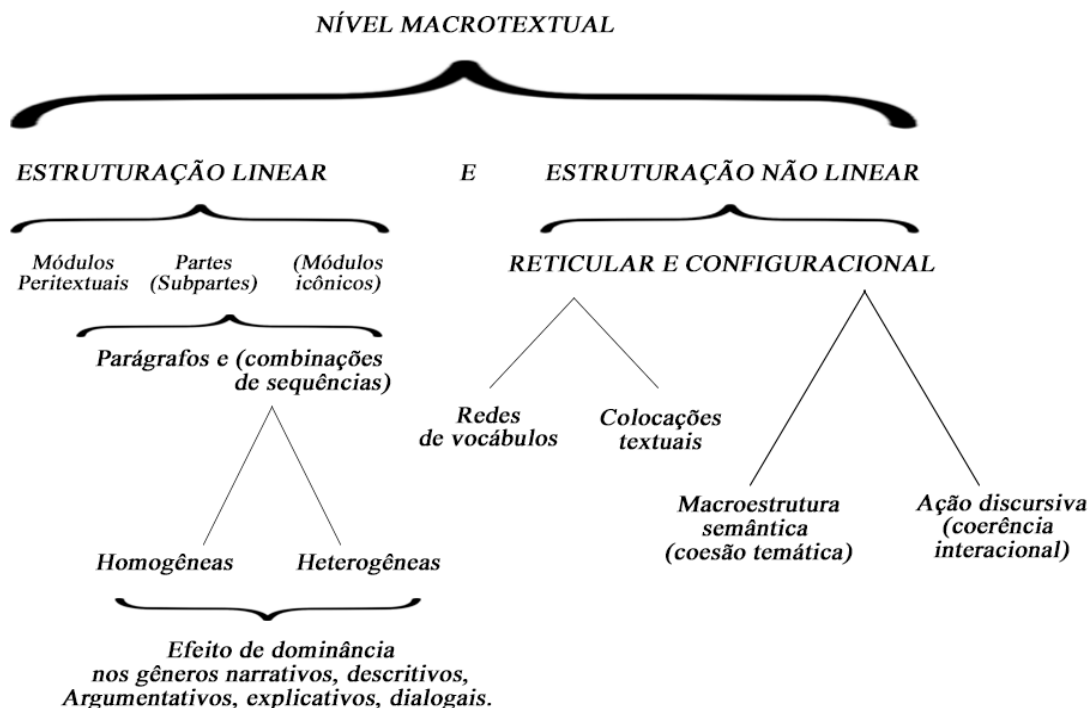
Todo texto apresenta-se como uma combinação da linearidade (conectividade orientada da escrita, pressionada pela língua) e por dois modos não lineares de construção de sentido: a percepção de um todo de sentido que faz a unidade do texto (*estruturação configuracional*) e a percepção de redes de vocábulos recorrentes e coocorrentes (*estruturação reticular*). Legallois (2006) observa, muito adequadamente, que

A organização reticular do texto fica em perfeita congruência com a etimologia da palavra texto. É uma *tessitura* de frases combinadas, uma *trama*, uma *textura*, toda uma construção e uma concepção de um objeto complexo que põe em evidência a análise da repetição lexical nos discursos. (LEGALLOIS, 2006, p. 70).

Como vimos, a identificação de repetições ou de colocações de vocábulos é um fator coesivo importante. As coocorrências são um fator determinante da textualidade. Passar do léxico (na língua) ao vocabulário próprio a um texto (sua estruturação em vocábulos) pede um olhar e métodos emancipados da linearidade, como o tratamento automático de dados textuais (VIPREY, 2006a, 2006b).

A dupla tessitura interfrástica (microtextual) e transfrástica (mesotextual) é produtora de “redes de determinações” (WEINRICH, 1973, p. 174) que fazem de todo texto um sistema organizado de “relações de interdependência”. A distribuição reticular das formas verbo-temporais ao longo da superfície textual foi, muito primeiramente, descrita por Weinrich (*op. cit.*, p. 13): “As formas temporais vêm, primeiramente, até nós – e retornam para nós – através dos textos. É aí que elas desenham, com outros signos, e, também, com outros tempos, um complexo de determinações, uma rede de valores textuais [...]”. Como se viu acima, as formas verbo-temporais associam-se em planos de enunciação nos quais os encadeamentos (continuidade e rupturas) ultrapassam, amplamente, as fronteiras frásticas nas quais certas descrições linguísticas as situam, ao invés de dar conta dos agrupamentos de subconjuntos locais.

Esquema 4



Um título e intertítulos são, no recorte de um plano de texto, marcadores da estruturação configuracional que resumem, por enunciados geralmente nominais, a coesão temática de um texto inteiro e de suas partes e subpartes, que formam, elas próprias, diversas unidades de sentido. Um plano de texto torna mais ou menos viso-legíveis os segmentos macrotextuais que, entre o título e o ponto final, organizam o sentido em *parágrafos, grupos de parágrafos, partes, subpartes, capítulos*. Essa viso-legibilidade é o resultado de uma cooperação da macropontuação branca (alíneas, brancos intercalares, mudança de página) e da macropontuação preta (intertítulos, numeração decimal ou alfabética, marcadores sem números ou hífen de início de linha). O grau de viso-legibilidade dos planos de texto depende do número de enunciados peritextuais e da segmentação (tipo)gráfica. O peritexto mínimo de um plano de texto é a presença de um *título*, mas podem se acrescentar um *subtítulo*, uma *lide*, um *resumo*, uma *dedicatória* e um *exórdio*, um *prefácio* e um *posfácio*, *intertítulos*, uma *numeração de seções* ou de *lugar (número de ordem) de um texto dentro de uma coletânea*, algumas *ilustrações* (e suas legendas), às quais podem-se acrescentar *notas*. Os enunciados peritextuais

internos limitam as fronteiras das subpartes para criar quantas unidades de sentido forem necessárias. É o caso dos números de revistas e de obras coletivas, algumas revistas e a imprensa escrita, alguns manuais e enciclopédias, algumas coletâneas de artigos, de contos, de notícias, de anedotas, de histórias engraçadas, de poemas. Os *sumários* e as *tabelas de assuntos* que, geralmente, resumem esses planos de textos.¹⁰

É importante integrar ao conceito de plano de texto não somente os componentes ou módulos peritextuais verbais, mas também os componentes peritextuais icônicos (vinheta, fotos, gráficos, ilustrações e legendas de ilustrações, vinhetas decorativas e bordas florais). Esses módulos gráficos são particularmente importantes nos textos icônicos plurissemióticos de tipo receitas de cozinha, artigos da imprensa escrita publicidades, cartazes etc., mas também nos livros ilustrados ou que associam um escritor a um artista plástico, nas enciclopédias e nos manuais escolares.

A título de exemplo, o plano pré-formatado dos anúncios publicitários publicados na imprensa escrita ou afixados em espaços urbanos associa *três módulos verbais*¹¹: um *slogan de atração*, um *slogan de base* e/ou *de marca* e um módulo *redigido*, aos quais é preciso acrescentar, para certos produtos (como o fumo e o álcool), uma menção legal de advertência; *dois módulos icônicos*: uma imagem de atração (fotográfica ou desenhada), que cria um contexto ou mundo referencial, e uma imagem de produto fortemente referencial e denotativa; e, por fim, *dois módulos mistos*: *uma logomarca* e *o nome da marca*, nos quais o verbal é fortemente icônico. Esses módulos formam um repertório de partes facultativas e complementares, que cada texto icônico publicitário distribui de forma original.

Sob a dependência das línguas, dos gêneros e dos modelos intertextuais que circulam em uma formação social, os planos de texto são o lugar de uma tensão entre, de um lado, o caráter do acontecimento enunciativo não reiterável que caracteriza todo texto singular e, por outro, a pré-formatagem mais ou menos forte *pelos gêneros discursivos* e *pelos sequências pré-gênicas*. Isso quer dizer que os fatores “descendentes”, que fazem parte dos estoques de conhecimentos dos sujeitos, podem gerar planos de texto mais ou menos próximos de um padrão pré-formatado. Nesse caso, tanto a produção como a interpretação partem dessas

¹⁰ Remeto, aqui, aos trabalhos de Genette (1987), sobre o *peritexto*, a Dionne (2008), sobre a história da “*capitularização*” da prosa romanesca, e, ainda, a Lefebvre (2011), sobre chamada de nota e os tipos de nota.

¹¹ No original: “un *slogan d'accroche*, un *slogan d'assise et/ou de marque*”. Na falta de termos correlatos em português, fazemos uma tradução por adaptação: *slogan de atração* (situado no início, ou parte superior, do anúncio publicitário); *slogan de base* (no final do anúncio, ou parte inferior); *slogan de marca*, o *slogan-assinatura* de uma determinada marca. [N. T.].

informações globais prévias, para organizar a informação textual em segmentos hierarquizados. O trabalho de interpretação é, então, facilitado pelo reconhecimento, nos detalhes locais, dos traços dessas organizações estocadas na memória interdiscursiva. Esses padrões textuais esquematizados são, algumas vezes, aplicados no caso de um texto particular e ajustados, até mesmo modificados, em favor de cada nova aplicação.

Os gêneros influenciam a distribuição da narração, do diálogo, da descrição, da argumentação e da explicação: um conto maravilhoso comporta, geralmente, tanto narração quanto diálogo, mas muito pouca descrição e uma moral facultativa em forma de argumentação; uma narrativa teatral é amplamente dominada pelo diálogo e pouco descritiva; um *exemplum* narrativo é, sem surpresa, inserido em uma argumentação; um conto etiológico é inserido em um movimento explicativo em *por quê?*; na piada e na história engraçada, a brusca queda da narrativa assume, geralmente, a forma de um jogo de palavras; etc.¹²

Retomando ao nosso exemplo do cartaz da “Liberação”, a particularidade dos cartazes é serem textos icônico-verbais, que misturam, em quantidade variável, o texto (verbal) e a imagem (icônica). Esse cartaz apresenta a particularidade de não comportar uma grande parte icônica (apenas as duas bandeiras tricolores e o enquadramento também tricolor). É o verbal que domina o seu *layout*, ao ponto que esse texto forma uma imagem pela disposição dos enunciados na página-cartaz e pelo tamanho e pelas formas diferentes das impressões tipográficas utilizadas: letras maiúsculas, itálicos minúsculos e letras romanas do mesmo tamanho, assinatura manuscrita e maiúsculas do endereço do signatário). Dois tipos de realização desse cartaz são conhecidos: três tiragens sucessivas com um enquadramento tricolor do tipo britânico, azul no exterior e vermelho no interior, e com a tradução inglesa T2 no canto esquerdo. O segundo tipo de cartaz, a partir de setembro de 1944, não comporta essa tradução, seu enquadramento francês é vermelho no exterior e azul no interior.

A comparação da tradução e do texto francês é elucidativa. Se o número de enunciados não muda (a tradução é muito fiel), viu-se que é o dispositivo tipográfico que é modificado, em particular no final do texto. A segmentação visual do cartaz francês comporta três posições tipográficas bem diferentes, em que se lê um plano de texto em forma de estrutura encaixada, [A1 [B1 [3§] B2] A2], da qual resultam três níveis de leitura: A1 & A2 em caracteres muito grandes, depois B1 & B2, depois os três parágrafos centrais em caracteres bem menores.

¹² Estudo esses diferentes casos em *Genres de récits: narrativité et généricité des textes* (ADAM, 2011c).

- A1 (c1) & A2 (c16) = Grandes maiúsculas, centralizadas, em negrito.
- B = Duas linhas justificadas no centro: B1 (c2-c3) em negrito itálico, B2 (c14-c15) em letras romanas. Isso que cria uma estrutura textual em eco: c14 e c15 remetem a c2 e c3, criando, assim, um texto mínimo, legível rapidamente.
- Três parágrafos justificados à esquerda, em letras romanas, bem menores, que impõem uma leitura mais atenta do texto enquadrado.

A tradução retoma A1 e A2 (maiúsculas, negritos e centralizados) e B1 (itálicos, centralizadas), mas modifica B2, integrado à continuidade dos parágrafos justificados à esquerda (cinco parágrafos no lugar de três, em letras minúsculas).

Esse dispositivo tipográfico, incluindo a assinatura (c17) e o endereço em Londres (c18), forma um plano de texto muito próximo dos gêneros do epistolar, plano calcado no modelo retórico da *dispositio* (exórdio e peroração que enquadram o corpo argumentativo da carta). Mas essa estrutura é menos linear que encaixada, com duas posições de legibilidade, de um texto moldura e de um texto emoldurado:

Esquema 5

PLANO DE TEXTO DO CARTAZ

<i>ABERTURA</i> <A1> Termo de endereço (c1)		<i>FECHAMENTO</i> Assinatura e endereço (c17-18)
<u>Posição 1 de legibilidade</u>	<i>EXÓRDIO</i> <B1> Itálicos (c2-3)	<i>PERORAÇÃO</i> <B2 e A2> (c14-15 e c16)
<u>Posição 2 de legibilidade</u>	CORPO ARGUMENTATIVO DA CARTA Refutação <<<Explicação>>> Apelo §1 (c4-5) §2 (c6 a c12) §3 (c13)	

A tradução modifica a valorização da peroração, integrando c14 e c15 no corpo da carta, para formar um parágrafo conclusivo, e parecendo limitar a peroração em c16. As cláusulas c14 e c15 não entram mais em eco com c2 e c3, arruinando a leitura da estrutura textual encaixada, que se torna, assim, mais linear: c2 e c3 tornam-se uma lide introdutória do texto,

formado por cinco parágrafos e emoldurado pelas cláusulas c1 e c16, em grandes caracteres maiúsculos em negrito.

OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

A partir dos anos 1960 – quer dizer, ao mesmo tempo que a análise do discurso –, desenvolveu-se uma nova disciplina, a linguística textual, que, visando identificar as regularidades além da frase, fornecia aos analistas do discurso instrumentos preciosos para apreender a estrutura dos textos. (MAINGUENEAU, 2014, p.12).

Tudo que concerne aos interfrásticos/periódicos e aos transfrásticos/periódicos, tudo que faz a dinâmica do sentido em uma unidade de comunicação-interação, tendo um início e um fim, constitui o objeto da linguística textual. A discursividade reside na ligação de um texto ou de alguns enunciados a um interdiscurso e a gêneros de discurso. Com efeito, nenhum texto é totalmente fechado nele próprio, como a ênfase metodológica do fechamento estrutural dava a ilusão. Quer se queira ou não, todo *efeito de texto* acompanha-se de um *efeito de genericidade* e inscreve-se, assim, em uma cadeia ininterrupta de discurso. Para que um sentido seja dado a um texto, é preciso que ele seja projetável “ao plano de fundo de um esquema discursivo preexistente” (STIERLE, 1977, p. 427), que ele seja identificável (eventualmente, de forma desviante) pela referência ao *sistema de gêneros discursivos* de um grupo social e de uma dada época.

No ponto de articulação entre o textual e o discursivo, *os gêneros de discurso* desempenham um papel determinante e eles influenciam a distribuição dos componentes dos três níveis de textualização. Essas determinações descendentes (*top-down*) se combinam com as determinações ascendentes (*bottom-up*).

Seguindo Maingueneau (2014), quanto a isso, defendo uma distinção forte e uma complementariedade explícita entre os domínios da linguística textual e da análise de discurso. A linguística textual não tem por objeto teorizar e descrever os gêneros de discurso. Essa tarefa depende, em contrapartida, da análise de discurso e desempenha um papel muito importante nas análises textuais, que devem levar em conta a influência dos gêneros de discurso sobre a textualização e sobre o uso singular que aí é feito da língua. A tarefa da linguística textual é, portanto, contribuir com a análise dos discursos, mas também com a estilística literária, com a teoria da argumentação e com todas as disciplinas que têm a ver com textos, a teoria do texto de que precisam.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. “Ordre du texte, ordre du discours”, *Pratiques*, n. 13, p. 103-111, 1977.
- _____. *Éléments de linguistique textuelle*. Bruxelles: Mardaga, 1990.
- _____. *Les textes: types et prototypes*. Paris: A. Colin, [1992] 2011a.
- _____. *La linguistique textuelle: introduction à l’analyse textuelle des discours*. Paris: A. Colin, [2005] 2011b.
- _____. *Genres de récits: narrativité et généricité des textes*. Louvain-la-Neuve: Academia-L’Harmattan, 2011c.
- _____. *Problèmes du texte: leçons d’Aarhus*. Pré-Publications n. 200. Aarhus Universitet: Fransk Institut for Æstetik og Kommunikation, 2013. Disponível em: <<https://docplayer.fr/8410133-Problemes-du-texte-la-linguistique-textuelle-et-la-traduction.html>>.
- _____. (ed.). *Faire texte: frontières textuelles et opérations de textualisation*. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2015.
- _____. *Le paragraphe: entre phrases et texte*. Paris: A. Colin, 2018a.
- _____. “Opérations de liages micro-textuels: un premier palier de délimitation des unités textuelles”. *Semiotica*, n. 223, p. 33-48, 2018b.
- _____. Le paragraphe: unité transphrastique et palier mésotextuel d’analyse. In: MONTE, Michèle; THONNERIEUX, Stéphanie; WAHL, Philippe (ed.). *Stylistique & Méthode*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2018c. p. 229-244.
- ALGEE-HEWITT, Marc; HEUSER, Ryan; MORETTI, Franco. “On Paragraphs. Scale, Themes, and Narrative Form”. *Pamphlets of the Stanford Literary Lab*, n. 10, p. 1-22, 2015.
- ALLISON, Sarah *et al.* “Style at the Scale of the Sentence”. *Literary Lab Pamphlet*, n. 5, p. 1-29, 2013.
- ARABYAN, Marc. *Le paragraphe narratif*. Paris: L’Harmattan, 1994.
- _____. *Des lettres de l’alphabet à l’image du texte*. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.
- BENVENISTE, Emile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974.
- BERRENDONNER, Alain. “Pour une macro-syntaxe”. *Travaux de linguistique*, n. 21, p. 25-36, 1990.
- _____. “Les deux syntaxes”. *Verbum XXIV*, n. 1-2, p. 23-35, 2002.

CHAROLLES, Michel. “Les plans d’organisation textuelle: périodes, chaînes, portées et séquences”. *Pratiques* n. 57, p. 3-13, 1988a.

_____. “Les études sur la cohérence, la cohésion et la connexité textuelle depuis la fin des années 1960”. *Modèles linguistiques*, n. X-2, p. 45-66, 1988b.

_____. Les plans d’organisation du discours et leurs interactions. In: MOIRAND, Sophie *et alii* (éd.). *Parcours linguistiques de discours spécialisés*. Peter Lang: Berne, 1993. p. 301-314.

_____. “L’encadrement du discours: univers, champs, domaines et espaces”. *Cahiers de Recherche Linguistique*, n. 2, p. 1-73, 1997.

COIRIER, Pierre; GAONAC’H, Daniel; PASSERAULT, Jean-Michel. *Psycholinguistique textuelle*. Paris: A. Colin, 1996.

COMBETTES, Bernard. “Ordre des éléments de la phrase et linguistique du texte”. *Pratiques*, n. 13, p. 91-101, 1977.

_____. *Pour une grammaire textuelle: la progression thématique*. Bruxelles: De Boeck/Duculot, 1983.

_____. “Questions de méthode et de contenu en linguistique du texte”. *Études de linguistique appliquée*, n. 87, p. 107-116, 1992.

_____. Textualité et systèmes linguistiques. In: CALAS, Frédéric (ed.). *Cohérence et discours*. Paris: Presses de l’Université Paris Sorbonne, 2006. p. 39-52.

CONTE, Maria-Elisabeth. Anaphoric Encapsulation. In: _____. *Condizione di coerenza*. Roma: Edizioni dell’Orso, 1999. p. 107-114.

COSERIU, Eugenio. *L’homme et son langage*. Louvain-Paris: Peeters, 2001.

_____. *Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Éd. et annotations d’Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros, 2007.

CULIOLI, Antoine. Préface. In: ATLANI, F. *et al. La Langue au ras du texte*. Lille : Presses universitaires de Lille, 1984. p. 9-12.

DAHLET, Véronique. *Ponctuation et énonciation*. Guyane-Guadeloupe-Martinique-Réunion: Ibis rouge éditions, 2003.

DANES, František. “De la structure sémantique et thématique du message”. *Linguistique et sémiologie*, n. 5, p. 177-200, 1978.

DEGAND, Liesbeth; SIMON, Anne-Catherine. “L’analyse en unités discursives de base: pourquoi et comment?”. *Langue française*, n. 170, p. 45-59, 2011.

DIJK, Teun Adrianus van. Text grammar and text logic. In: PETÖFI, Janosh S.; REISER, H. (eds.). *Studies in text grammar*, 17-78. Dordrecht: Reidel, 1973. p. 17-78.

_____. Semantic Macro-Structures and Knowledge Frames in Discourse Comprehension. In: JUST, Marcel A.; CARPENTER, Patricia A. (eds.). *Cognitive processes in comprehension*. New York: Lawrence Erlbaum Ass., 1977. p. 3-32.

_____. Episodes as units of discourse analysis. In: TANNEN, Debora (ed.). *Analysing discourse: text and talk*. Georgetown: Georgetown University Press, 1981. p. 177-195.

DIONNE, Ugo. *La voie aux chapitres*. Paris: Seuil, 2008.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Paris: Grasset, [1975] 1985.

FIRBAS, Jan. “On defining the theme in functional sentence analysis”. *Travaux linguistiques de Prague*, n. 1, p. 267-280, 1964.

GARDES-TAMINE, Joëlle. *Pour une grammaire de l’écrit*. Paris: Belin, 2004.

_____; PELLIZZA, Marie-Antoinette. *La construction du texte: de la grammaire au style*. Paris: A. Colin, 1998.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.

GIVÓN, Talmy (ed.). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. Amsterdam/Philadelphie: John Benjamins, 1983.

_____. “L’approche fonctionnelle de la grammaire”. *Verbum*, v. XX, n. 3, p. 257-288, 1998.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Maupassant: la sémiotique du texte*. Paris: Seuil, 1976.

GROUPE de Fribourg. *Grammaire de la période*. Berne: Peter Lang, 2012.

GROUPE μ . *Rhétorique générale*. Paris: Larousse, 1977.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. “Notes on Transitivity and Theme in English”. *Journal of Linguistics*, n. [3] 4, p. [199-244] 179-215, [1967] 1968.

_____; RUKYA, Hasan. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HARRIS, Zellig Sabbetaï. “Discourse Analysis”. *Language*, n. 28-1, p. 1-30, 1952.

HERMAN, Thierry. *Au fil du discours: la rhétorique de Charles de Gaulle 1940-1945*. Limoges: Lambert-Lucas, 2008.

LAUFER, Roger. “L’énonciation typographique: hier et demain”. *Communication et langage*, n. 68, p. 68-85, 1986.

LEFEBVRE, Julie. “L’appel-renvoi de note comme observatoire de l’interprétation des ponctuations blanche et noire”. *Langages*, n. 172, p. 69-82, 2011.

_____. “Nous le verrons plus bas, voir ci-dessus, je ne reviens pas ici: retour sur les propriétés

de la langue écrite”. *Actes du 4^e Congrès Mondial de Linguistique Française*. Paris: ILF. 2014.
Disponível em: <www.linguistiquefrancaise.org>.

LEGALLOIS, Dominique. “Des phrases entre elles à l’unité réticulaire du texte”. *Langages*, n. 163, p. 56-70, 2006.

LE GOFFIC, Pierre. “Phrase et intégration textuelle”. *Langue française*, n. 170, p. 11-28, 2011.

LE NY, Jean-François. Texte, structure mentale, paragraphe. In: LAUFER, Roger (ed.). *La notion de paragraphe*. Paris: Ed. du CNRS, 1985. p. 129-136.

LONGACRE, Robert E. *Discourse, Paragraph and Sentence Structure in Selected Philippine Languages. Sentences Structure*. Santa Ana: Summer Institute of Linguistics, 1968. [Vol. 2].

_____. “The paragraph as a grammatical unit”. In: GIVÓN, Talmy (ed.). *Syntax and Semantic: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press Inc., 1979. p. 115-134. [vol. 12].

_____. “An Apparatus for the Identification of Paragraph Types”. *Notes on Linguistics*, Dallas, n. 15, p. 5-23, 1980.

_____. The Discourse Strategy of an Appeals. In: MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. *Discourse Description*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 109-130.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discours et analyse du discours: une introduction*. Paris: A. Colin, 2014.

MAYORDOMO, Tomás Albadalejo; BERRIO, Antonio García. “Estructura composicional. Macroestructuras”. *Estudios de Lingüística. Universidad de Alicante*, n. 1, p. 127-180, 1983.

MAKINO, Saiichi. Paragraph, is it a legitimate linguistic unit?: case study from English and Japanese. In: BROWN, L. L.; STEINMANN, M. (eds.). *Rhetoric 78: Proceedings of thoeory of rhetoric: an interdisciplinary conference*. Minneapolis: University of Minnesota Center for Advanced Studies in Language, Style and Literary Theory, 1979. p. 283-296.

MATHESIUS, Vilém. “Les thèses de 1929”. *Change*, n. 3, p. 21-49, [1929] 1969.

Moirand, Sophie. “Les textes aussi sont des images”. *Situations d’écrit*, Paris: CLE International, 1979. p. 40-51.

NEVEU, Franck. “De la syntaxe à l’image textuelle. Ponctuation et niveau d’analyse linguistique”. *La Licorne*, n. 52, p. 201-215, 2000. Disponível em: <<http://licorne.edel.univ-poitiers.fr/document5688.php>>. Acesso em 01ago2014.

OHORI, Toshio *et al.* “Discourse and Paragraph: Visions and Revisions”. *The Geibun-Kenkyu. Journal of Arts and Letters*, n. 48, p. 15-28, 1986.

- PEYTARD, Jean. Instances et entailles du texte littéraire. In: PEYTARD, J. *et al. Littérature et classe de langue*. Paris: Hatier-Crédif, 1982. p. 139-155.
- PRANDI, Michele. “Les fondements méthodologiques d’une grammaire descriptive de l’italien”. *Langages*, n. 167, p. 70-84, 2007.
- _____. *L’analisi del período*. Roma: Carocci, 2013.
- REICHLER-BEGUELIN, Marie-José. “Anaphore, cataphore et mémoire discursive”. *Pratiques*, n. 57, p. 15-43, 1988.
- RIEGEL, Martin. Cohérence textuelle et grammaire phrastique. In: *Cohérence et discours*. CALAS, Frédéric (ed.). Paris: Presses de l’Université Paris Sorbonne, 2006. p. 53-64.
- RUWET, Nicolas. Parallélismes et déviations en poésie. In: KRISTEVA, Julia, MILNER; Jean-Claude; RUWET, Nicolas (eds.). *Langue, discours, société: pour Emile Benveniste*. Paris: Seuil, 1975. p. 307-351.
- SIMON, Anne-Catherine; DEGAND, Liesbeth. “Unités discursives de base et leur périphérie gauche dans LOCAS-F, un corpus oral multigenre annoté”. *Actes du 4^e Congrès Mondial de Linguistique Française*. Paris: ILF, 2014. Disponível em : <www.linguistiquefrancaise.org>.
- SLAKTA, Denis. “L’ordre du texte”. *Études de linguistique appliquée*, n. 19, p. 30-42, 1975.
- SOUTET, Olivier. *Linguistique*. Paris: PUF-Quadrige, [1995] 2005.
- SPILLNER, Bernd. *Lingüística y literatura*. Madrid: Gredos, 1979.
- STATI, Sorin. *Le transphrastique*. Paris: PUF, 1990.
- STIERLE, Karlheinz. “Identité du discours et transgression lyrique”. *Poétique*, p. 32, n. 422-441, 1977.
- SWALES, John M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- VANDERVEKEN, Daniel. “La théorie des actes de discours et l’analyse de la conversation”. *Cahiers de linguistique française*, n. 13, p. 9-61, 1992.
- VETTERS, Carl (ed.). *Le temps: de la phrase au texte*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1993.
- VIEHWEGER, Dieter. Savoir illocutoire et interprétation des textes. In: CHAROLLES, M.; FISCHER, S.; JAYEZ, J. (eds.). *Le discours: représentations et interprétations*. P.U. de Nancy, 1990. p. 41-51.
- VIPREY, Jean-Marie. “Quelle place pour les sciences des textes dans l’Analyse de Discours”. *Semen*, n. 21, p. 167-182, 2006a.

_____. “Structure non-séquentielle des textes”. *Langages*, n. 163, p. 71-85, 2006b.

WEINRICH, Harald. *Le Temps*, Paris: Seuil, 1973.

ANEXO

T1 - Cartaz da “Liberação”, afixado em Londres



T2 - Tradução localizada abaixo, à esquerda do cartaz

